

Educação para os Média: é urgente formar professores

VITOR TOMÉ

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e Escola Superior de Educação de Castelo Branco

vitor@rvj.pt

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados da formação contínua de professores realizada no âmbito do projecto "Educação para os Media na Região de Castelo Branco (2007-2011)", financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O projecto, centrado na produção de jornais escolares, foi desenvolvido em 24 escolas e agrupamentos de escolas da região, envolvendo cerca de 150 professores e 500 alunos, bem como investigadores sete instituições de ensino superior e duas empresas. Foram produzidos recursos pedagógicos, disponibilizados às escolas, tendo o trabalho de professores e alunos sido acompanhado pelos membros da equipa de investigação. Os recursos foram utilizados na formação, certificada pelo Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua, oferecida a 150 docentes do Pré-escolar ao Secundário, tendo concluído 128. Os resultados mostram que os professores conseguem desenvolver actividades de Educação para os Media sem alterarem planificações previamente elaboradas e que o fazem sobretudo numa lógica interdisciplinar. Mostram ainda que é necessário continuar a desenvolver formação inicial e incrementar a contínua nas instituições de ensino superior.

Palavras-chave:

Educação para os Media, Formação inicial e contínua de professores, Tecnologias de Informação e Comunicação, Ensino Básico e Secundário.

A evolução tecnológica a que assistimos nos últimos anos alterou profundamente o desenvolvimento das sociedades em termos políticos, económicos e culturais, o que colocou a escola numa encruzilhada. Por um lado exige-se à escola que forme cidadãos socialmente activos, capazes de intervir e de provocar mudança, cidadãos empreendedores que acompanhem o progresso nos diferentes níveis, sendo o nível formativo ao longo da vida. Por outro, não foram criadas as condições para que a escola possa desenvolver essa missão com eficácia, designadamente em termos de formação inicial e contínua dos professores. (Ruivo e Mesquita, no prelo).

Uma das áreas em que esse défice de formação é mais notório situa-se na relação dos professores com as Tecnologias de Informação e Comunicação e os media, pelo que já se admite

que, no limite, um dia a escola possa acabar (Buckingham, 2003). O caminho para o evitar será sinuoso, mas pode fazer-se, designadamente formando os docentes, para que eles possam formar posteriormente os alunos, ou seja, os cidadãos; pois, hoje a formação não é uma fase da vida, mas um processo contínuo (Rivoltella, 2007).

Estudos realizados na Europa e nos Estados Unidos (Médiаметrie, 2011; Kaiser Family Foundation, 2011) referem que os cidadãos dedicam mais tempo a consumir e a produzir conteúdos mediáticos do que às actividades escolares ou à relação com a família e amigos. Vivemos hoje numa sociedade cada vez mais saturada de mensagens media, onde o contacto entre esses conteúdos e os cidadãos é quase inevitável (de Abreu, 2011).

Porém, os cidadãos não estão preparados para fazerem um consumo activo e uma produção reflexiva de mensagens dos media. Os media não são “uma janela para a realidade” (Mastermann, 1980, 1985), mas são construções dessa realidade elaboradas de acordo com códigos e valores (Potter, 2005). Importa, por isso, que os cidadãos sejam formados, desde o berço (Gonnet, 1999), de modo a que saibam interagir com esses media, enquanto consumidores e produtores. E, se a este nível, os próprios media, as entidades reguladoras, a família e outras instituições (políticas e da sociedade civil) têm um papel importante, a verdade é que a escola, em lugar poder vir a acabar, deve desempenhar um papel decisivo.

O reconhecimento da importância de formar os cidadãos a este nível data dos anos 60, por iniciativa da Unesco, que formalizou essa necessidade na Declaração de Grünwald (Unesco, 1982). Países como a Austrália, Nova Zelândia, Canadá ou Suécia fizeram mais progressos que outros a este nível, mas a verdade é que, em 2007, a Unesco assinalou os 25 anos da Declaração de Grünwald, com a Agenda de Paris (Unesco, 2007), concluindo que, na larga maioria dos países ainda está quase tudo por fazer.

A Comissão Europeia reconheceu esse problema e, desde 2004, tem apoiado um conjunto de actividades de investigadores da área, além de ter patrocinado a elaboração de um estudo sobre a situação actual da Literacia dos Media nos diferentes estados-membros (UAB, 2007). Mais recentemente patrocinou a realização de um congresso europeu de Educação para os Media, onde ficou claro que há muito por fazer, seja em termos de investigação, da definição de estratégias de intervenção no terreno e da integração da Educação para os Media nos curricula (EuroMeduc, 2009). Ainda em 2009, numa recomendação sobre literacia mediática no ambiente digital, solicitou a cada estado que monitorize regularmente os níveis de Literacia mediática dos cidadãos, bem como os avanços registados na área da Educação para os Media (Comissão Europeia, 2009).

A realidade portuguesa

Em Portugal, por iniciativa da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, publicou, em Março último, o documento mais completo publicado no nosso país sobre o estado da arte da Educação para os Media (Pinto, Pereira, Pereira e Ferreira, 2011). O livro foi lançado no I Congresso Literacia, Media e Cidadania, na sequência do qual foi publicada a Declaração de Braga (Congresso Literacia, Media e Cidadania, 2011).

As questões levantadas nos documentos e no Congresso respiram muito o ar do que já referimos (Grünwald, Agenda de Paris, documentos oficiais da Comissão Europeia), do que aponta a investigação realizada (Tomé, 2008) e até da Declaração de Bruxelas (**Conseil Supérieur de l'Éducation aux Médias** de la Communauté Française de Belgique, 2010). Urge desenvolver mais investigação no terreno, avaliá-la e criar bases em que se possam fundamentar novos projectos. Importa desenvolver recursos educativos e validá-los. É preciso criar redes de colaboração entre

investigadores, professores e outros actores, além de existir um maior apoio por parte dos decisores políticos. E é urgente formar professores em Educação para os Media.

A Declaração de Braga (*idem*) refere a necessidade de “apostar no reforço da formação de professores, formadores e animadores, recorrendo a todas as modalidades e entidades relevantes, e compreendendo também a formação e sensibilização dos profissionais dos *media*”, além de “explorar mais o entrosamento entre a literacia dos *media* e o currículo escolar”.

Estas, entre outras direcções apontadas, não são novas. Mas a base em que se fundamentam é. No estudo de Pinto *et al.* (2011) foi feito um levantamento exaustivo dos avanços registados em Portugal em termos de Educação para os Media, não só em termos de projectos, mas também do trabalho do Ministério da Educação, de muitas entidades da sociedade civil, de universidades e politécnicos e de empresas de Comunicação Social. Foram ouvidos investigadores com experiência de terreno, além de outros actores com actividade desenvolvida e reconhecida nesta área. Este trabalho é fundamental para compreender o que foi feito, o que está em curso, mas também o que se pode e deve fazer no nosso país.

Em relação ao tema deste artigo, ficou claro que “a necessidade de apostar na formação de professores e na introdução dos conteúdos ligados à Educação para os Media constitui um ponto sublinhado pela maioria dos interlocutores. Tal formação deveria passar quer pela formação inicial quer pela formação contínua” (Pinto *et al.*, 2011, p. 143). Recomenda-se assim “um acentuado investimento na formação de professores e educadores por parte de diferentes entidades, especialmente instituições de ensino superior e centros de formação contínua (*idem*, p. 156). É que “o número de instituições de ensino superior públicas que fazem uma aposta clara na área da Educação para os Media é muito restrito (...) Nas instituições superiores privadas a aposta na área é residual. Pode afirmar-se que Portugal não assumiu, até ao momento, a Educação para os Media como uma aposta prioritária” (p. 128). Foi a estes dois níveis, da formação inicial e contínua de professores, que procurámos dar o nosso contributo.

Educação para os Media na Região de Castelo Branco: um contributo para o desenvolvimento da Educação para os Media em Portugal

Em 2007 foi iniciado o projecto de investigação “Educação para os Media na Região de Castelo Branco”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Jornal Reconquista. O projecto envolveu investigadores de cinco instituições de Ensino Superior portuguesas e três estrangeiras (Espanha, França e Itália), 24 agrupamentos/escolas públicas (com 2º e 3º Ciclos), cerca de 100 professores e quase 500 alunos. Contou com a colaboração de uma empresa jornalística, o Jornal Reconquista, de Castelo Branco, e uma empresa de software, a Netsigma. Colaboraram ainda activamente o Governo Civil do Distrito de Castelo Branco, a Associação de Desenvolvimento da Raia Centro Sul (Adraces), a Câmara Municipal de Castelo Branco e a secção de Castelo Branco da Associação Nacional de Professores, designadamente através do Centro de Formação Leonardo Coimbra, com sede em Braga.

O projecto teve como objectivos: *i)* permitir a alunos e professores um melhor conhecimento em relação às diferentes etapas de produção de jornais em formato papel e on-line; *ii)* contribuir para fomentar a leitura de jornais; *iii)* contribuir para que os alunos devenham progressivamente descodificadores críticos de mensagens media e produtores reflexivos de mensagens media; *iv)* contribuir para aumentar a motivação dos alunos no sentido de utilizarem os novos media (CD-Rom, Internet); *v)* contribuir para a melhoria (gráfica e de conteúdos) dos jornais escolares já existentes nas escolas do Distrito de Castelo Branco; *vi)* aproximar escolas e a respectiva comunidade educativa.

No âmbito do projecto foram desenvolvidos três recursos educativos, designadamente: *i)* o DVD “Vamos fazer jornais escolares”; *ii)* uma plataforma de produção de jornais escolares on-line; *iii)* um manual de apoio à utilização do DVD e da plataforma.

Na primeira fase recolhemos dados nas 29 escolas/agrupamentos de escolas da rede pública da região, através de entrevista. Ao mesmo tempo, começaram a ser produzidos os recursos educativos, que foram disponibilizados às escolas da área educativa de Castelo Branco no início do ano lectivo de 2008/2009. Previamente convidámos todos os agrupamentos ou escolas públicas não agrupadas a integrar o projecto. Vinte e seis mostraram interesse, mas apenas 24 (18 agrupamentos e seis não agrupadas) participaram. Das cinco escolas que não participaram, nenhuma publicava jornal regularmente. Em quatro delas, a direcção estava interessada em avançar e os meios existiam, mas nunca foi formada uma equipa que avançasse com a produção de um jornal. Numa das escolas nem sequer foi possível recolher os dados para o estado da arte.

Em cada uma das escolas foi identificado um interlocutor directo com a equipa do projecto. Nas 24 escolas aderentes recolhemos dados junto dos alunos que esse interlocutor apontou como indo participar no projecto do jornal escolar.

O trabalho desenvolvido pela equipa do jornal e pelos professores, com os seus alunos (em grupo-turma, clube de jornalismo ou em áreas curriculares não disciplinares) foi sempre apoiado pelos membros da equipa de investigação. Esse apoio foi prestado por sugestão da equipa do projecto, mas começou gradualmente a ser mais solicitado pelos professores dos agrupamentos e das escolas.

No final do ano lectivo 2008/2009 decorreu o concurso nacional de colocação de docentes em Portugal. A coordenação da equipa do jornal escolar mudou em oito das 24 escolas. Foi necessário refazer a rede de professores, o que foi facilitado aquando da avaliação intermédia, pois os docentes que mudaram de escola ou de funções, dentro da mesma escola, apoiaram-nos nessa tarefa.

A avaliação intermédia do projecto foi realizada através de entrevista aos interlocutores directos em cada escola. Os resultados foram apresentados em Novembro de 2009. Nessa reunião, por sugestão dos docentes, foi criado um grupo de discussão no Google Groups, bem como agilizado o processo de troca de edições de jornais escolares entre as escolas aderentes ao projecto.

Na sequência da avaliação, a equipa decidiu ainda criar um concurso de jornais escolares interno ao projecto. O concurso visou valorizar quatro aspectos que a equipa de investigação considerou serem susceptíveis de melhorar os jornais, mas também a produção de conteúdos por parte de alunos: *i)* número de artigos do jornal produzidos e assinados por alunos; *ii)* diversidade de géneros jornalísticos presentes em cada edição; *iii)* diversificação de fontes; *iv)* diversidade de temas, incluindo assuntos do agrado dos jovens (desporto, cinema, tecnologia, música, ambiente...). Os prémios do concurso foram oferecidos pelo Governo Civil do Distrito de Castelo Branco e a Associação de Desenvolvimento da Raia Centro Sul (Adraces).

O apoio às escolas continuou no ano lectivo 2009/2010, quer em termos presenciais, nas escolas, quer através do grupo de discussão. No final do ano lectivo foram recolhidos dados junto dos alunos, através de questionário, e junto dos professores (interlocutores directos) através de entrevista.

Resultados do projecto

No final do projecto, todas as escolas aderentes produziam regularmente um jornal escolar em suporte papel (antes eram 14), mas apenas cinco o faziam on-line (antes eram duas). As equipas de produção do jornal contaram gradualmente com mais docentes na maioria das escolas, contando

com o apoio de mais alunos (em muitos casos de turmas inteiras), dispondo de mais tempo e melhores espaços do que acontecia antes do início do projecto.

O DVD “Vamos fazer jornais escolares” apenas não foi utilizado numa escola e teve uma frequência de utilização crescente. Os docentes consideraram que este DVD foi importante na produção de diferentes géneros jornalísticos, contribuiu para aumentar a motivação e autonomia dos alunos e para desenvolver a sua capacidade de compreenderem e produzirem mensagens. Foi ainda utilizado leccionar o texto jornalístico. A plataforma e o manual de apoio foram menos utilizados, embora úteis às escolas que o fizeram.

A falta de tempo foi a grande dificuldade apontada pelos docentes em termos de implementação do projecto (sobretudo devido às muitas tarefas burocráticas). Para o sucesso na implementação foi decisiva a dedicação desinteressada dos professores, a impressão gratuita dos jornais escolares durante dois anos (que aumentou tiragens, melhorou a periodicidade e tornou os jornais tendencialmente gratuitos) e o apoio permanente da equipa de investigação (oferecido e solicitado).

Em termos de impacto, o projecto envolveu mais alunos e professores na produção do jornal. Contribuiu para desenvolver a capacidade de análise crítica e de produção reflexiva de conteúdos mediáticos por parte dos alunos, mas também a capacidade de relacionar os conteúdos dos media com os das disciplinas escolares. O processo de produção foi melhor organizado e o jornal escolar, enquanto produto, foi melhorado, contribuindo para estreitar a relação entre a comunidade escolar e a comunidade educativa.

Os resultados mostram que os alunos podem produzir gradualmente mais artigos para o jornal escolar, recorrendo a diferentes géneros jornalísticos, a um número crescente de fontes de informação e a uma maior diversidade de temas, sobretudo quando têm a oportunidade de escolher ou de negociar os temas abordados (com os professores, turma ou grupo de trabalho). Estes progressos foram verificados na análise sistemática de cada edição do jornal escolar, num total de 105 edições produzidas.

Apesar do trabalho dos professores, o projecto não teve qualquer efeito directo em termos do respeito efectivo pelos direitos de autor. Muitos alunos continuam a praticar a escola do copy/paste, seja para trabalhos escolares, seja para participarem no jornal escolar. Importa por isso desenvolver trabalho a este nível. Mas se preferem o suporte digital para pesquisarem informação, no caso do da leitura do jornal escolar, preferem claramente o suporte impresso, invocando razões de portabilidade, culturais, ecológicas e fisiológicas.

Formação inicial e contínua de professores a partir de Castelo Branco

Em termos de formação inicial/pós-graduada (esta dupla vertente decorre das alterações da Declaração de Bolonha) foi estruturada e criada uma unidade curricular denominada “Educação para os Média”, pertencente ao Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do Ensino Básico do Instituto Politécnico de Castelo Branco. A unidade curricular foi ministrada nos anos lectivos 2009/2010 e 2010/2011 e deverá continuar a ser oferecida nos próximos anos. Foi ainda estruturada, na sequência de um convite da instituição, a unidade curricular “Educação e Média”, pertencente ao Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A Unidade foi ministrada no segundo semestre do ano lectivo 2010/2011 por um elemento da equipa de investigação.

Em termos de formação contínua, apesar da dedicação desinteressada dos professores (a participação no projecto não contou sequer para a avaliação docente), constatou-se que a boa

vontade não basta, pelo que era necessário oferecer formação. Fizemo-lo no âmbito do projecto, designadamente ao nível da formação contínua. Os professores demonstraram que querem ter formação, que sabem integrar a Educação para os Média nas suas planificações (só um em 128 referiu não ter conseguido).

Em 2008, um dos membros da equipa de investigação apresentou a proposta de formação “A Educação para os Média e o Jornal Escolar na Promoção da Leitura e da Escrita”, certificada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua. No ano lectivo 2008/2009, esta formação foi ministrada em Souselas (Coimbra), a 23 professores do Básico e Secundário dos distritos de Aveiro, Leiria, Coimbra e Castelo Branco. Porém nenhum dos docentes das escolas aderentes ao projecto a frequentou. Já no ano de 2009/2010 foi proposto, aos professores das escolas envolvidas no projecto, a participação numa edição da acção de formação, a realizar em Castelo Branco. No total inscreveram-se 192 docentes, tendo sido apenas aceites 150, em virtude de limitações de tempo. Esses docentes foram organizados em seis turmas (duas em Castelo Branco e uma em Fundão, Covilhã, Sertã e Teixoso). Desta forma foi possível envolver professores de todo o Distrito e ainda do Concelho de Mação, que então integrava a área educativa de Castelo Branco. Na formação foram utilizados recursos tecnológicos produzidos e validados no âmbito do projecto. As actividades decorreram entre Janeiro e Julho de 2010.

A formação teve como objectivo abordar a Educação para os Média numa perspectiva prática, incentivando os professores e desenvolverem as suas planificações, previamente elaboradas, recorrendo às TIC e aos média enquanto instrumentos pedagógicos. Houve o cuidado de explicar aos docentes que não lhes era pedido o desenvolvimento de actividades não previstas que se enquadrassem no campo da Educação para os Média. Pretendia-se sim que desenvolvessem actividades já previstas, associando-as ao contexto político, económico, social e/ou cultural, ao que os média referiam acerca dos conteúdos dessas actividades. Foi ainda referida a importância de os alunos poderem ter um papel o mais activo possível, que podia passar pela produção de mensagens média em e para diferentes suportes, e sua difusão.

A acção consistiu em quatro sessões presenciais, num total de 25 horas e numa vertente prática, a desenvolver pelos docentes, com os seus alunos. A actividade prática consistia em organizar actividades, com TIC e média, integradas nas planificações previamente organizadas. Deveriam depois elaborar um relatório onde apresentassem a(s) actividade(s) desenvolvidas, os objectivos, a descrição do trabalho desenvolvido (que deveria ser documentado). Na reflexão final deviam referir os resultados, as dificuldades e as surpresas verificadas.

Os 150 docentes com quem trabalhamos pertenciam a 23 grupos de recrutamento, de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4 – grupos de recrutamento

Grupo	Total
Pré-escolar	8
1º Ciclo	8
2º Ciclo	
Port/ES/Hist	4
Port/Francês	3
Port/Inglês	8
Matemá/CN	8
EVT	7
Ed. Musical	2
Ed. Física	3
3º Ciclo e Sec.	
EMRCatólica	1
Português	40
Port/Inglês	1
Francês	1
Inglês	7
Espanhol	1
História	4
Filosofia	2
Geografia	1
Matemática	4
Física e Química	3
Informática	5
Artes Visuais	5
Ed. Física	2
Total	128

Da análise da tabela podemos concluir que: *i)* a formação envolveu 8 professores do Pré-escolar, 8 do 1º Ciclo, 35 do 2º Ciclo e 76 do 3º Ciclo e Secundário; *ii)* dos 56 professores ligados directamente ao Português ou Língua Portuguesa, 15 eram do 2º Ciclo e 41 do 3º Ciclo e Secundário. Em conjunto representam 44% dos docentes que concluíram a formação; *iii)* a segunda área com mais docentes é a de Inglês, com 15 docentes, oito deles do 2º Ciclo. Segue-se EVT e Artes Visuais, com 12 docentes, sete deles do 2º Ciclo; *iv)* no conjunto dos professores, apenas 15 leccionam Matemática, Ciências ou Física e Química, o que representa 11,9% do total.

Além do Pré-escolar, 1º Ciclo envolveu docentes de sete grupos de recrutamento ao nível do 2º Ciclo (no total existem 8) e de 14 grupos de recrutamento ao nível do 3º Ciclo e Secundário (no total existem 21).

A acção foi concluída, com êxito, por 128 dos 150 docentes que a iniciaram. No total foram entregues 87 trabalhos (vários professores trabalharam em grupo, pois não tinham turma atribuída, exerciam cargos de direcção ou desempenhavam funções de professor bibliotecário). As actividades desenvolvidas pelos docentes podem ser enquadradas em quatro grandes grupos:

- A - Análise de artigos de jornal e/ou produção de diferentes géneros jornalísticos para o jornal escolar (em papel, on-line e jornal de parede);
- B – Análise crítica e/ou produção de imagem (fotografia, desenho, cartoon, cartaz, anúncios);
- C – Análise crítica sobre vantagens e perigos associados ao consumo de média e à publicação de conteúdos;
- D – Análise e produção de mensagens multimédia (filme animado, debates registados em vídeo, anúncios).

Os temas mais abordados nas actividades desenvolvidas com os alunos centraram-se em questões ambientais (preservação do planeta, reciclagem), factos históricos (25 de Abril, Centenário da República), aspectos positivos e negativos dos media (Internet, televisão, cinema rádio, jornais, revistas, telemóvel) e da publicidade, Educação para a Saúde (prevenção do Sida e do H1N1) e Educação para a Cidadania (usos e costumes da região, ser cidadão em casa, na escola e na rua).

Na disciplina de Língua Portuguesa foram realizadas várias actividades que tiveram como ponto de partida obras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) ou obras clássicas, como *Os Lusíadas*. Um destes trabalhos, desenvolvido numa escola de Castelo Branco, envolveu alunos do 4º, 7º e 8º anos, e consistiu na produção de um filme de animação falado em português e inglês, baseado no livro do PNL “Cozinha de Livros”, de Margarida Botelho. A actividade foi organizada numa lógica interdisciplinar, envolvendo docentes de Matemática, Artes Visuais (EVT), Língua Portuguesa (LP) e Ciências da Natureza. Os alunos de 7º e 8º Ano adaptaram a história (em LP), trabalharam na elaboração do *story board* (EVT) e gravaram as falas (LP e Inglês). Os alunos de 1º Ciclo tiveram acesso à estrutura dos bonecos que deram corpo às 20 personagens e realizaram a intervenção técnica, recorrendo a diferentes técnicas e materiais. O filme final foi realizado e o processo de produção está documentado, em registo fotográfico, em suporte *Power Point*.

A lógica interdisciplinar foi uma realidade na grande maioria dos trabalhos, mesmo pelos que foram realizados a título individual, pois os professores solicitaram apoio a outros docentes, de outras áreas científicas e, por vezes, de outros ciclos.

Alguns professores, tendo em atenção a disciplina leccionada, optaram por temas muito específicos, como a análise de rótulos de diferentes produtos (Química), a germinação de sementes ou a qualidade do ar (Ciências da Natureza), a representação da figura humana em papel, fotografia e vídeo (Artes Visuais), a Pena de Morte (Educação Moral e Religiosa Católica e Formação Cívica), efeitos da publicidade na selecção de alimentos (1º Ciclo), o Dia da Astronomia (Física e Química), a utilização livre de *Word*, *Power Point* e *Paint* no Jardim de Infância (Pré-escolar) e a utilização de recursos on-line como ferramentas de trabalho (Informática).

Os relatórios foram entregues através da plataforma *Moodle*, tendo sido criados espaços para cada uma das seis turmas. Este trabalho foi desenvolvido por um docente que participa no projecto (numa das nas escolas), além de ter frequentado a acção de formação. O espaço de apoio à acção está disponível no endereço <http://www.literacias.net/educmedia/>.

O contacto entre docentes envolvidos, entre formador e docentes, bem como entre docentes e investigadores, foi potenciado pela existência de um grupo de discussão, criado em Dezembro de

2009 (na reunião de avaliação intermédia do projecto), por iniciativa dos professores que desenvolvem o projecto “Educação para os Média na Região de Castelo Branco”.

Conclusões

Em relação ao trabalho desenvolvido em termos de formação contínua de professores, importa sistematizar um conjunto de aspectos. Em primeiro lugar, a grande maioria dos docentes organizou as suas actividades numa lógica de análise crítica e produção reflexiva de mensagens média em diferentes plataformas.

A produção de vídeo e rádio e Power Point (com texto, som e imagem) foi a proposta por cerca de 10 por cento dos professores, mas apenas cinco por cento a conseguiram desenvolver concretizar, quase sempre com alguns problemas em termos de qualidade de imagem e som. Existem, porém três casos, em que o vídeo produzido apresenta grande qualidade em termos técnicos (montagem, som, imagem).

À excepção de um docente (que lecciona presentemente em Actividades de Enriquecimento Curricular, na área de Educação Física), todos referiram ter conseguido integrar, com êxito, actividades de Educação para os Média nas planificações que tinham organizado ainda antes de terem iniciado a formação.

Mais de 90 por cento dos relatórios apresentados, mesmo os realizados individualmente, referem o facto de terem desenvolvido o trabalho numa lógica interdisciplinar. Há casos de interdisciplinaridade intra-ciclos, mas também inter-ciclos. A lógica interdisciplinar, própria da Educação para os Média, foi posta em prática pelos docentes, que entenderam essa necessidade logo no início da organização da actividade a desenvolver.

Os professores documentaram as actividades realizadas recorrendo a documentos autênticos, produzidos pelos alunos. Além de ficheiros multimédia e ficheiros apenas de texto ou imagem, outros documentos autênticos comuns foram fichas preenchidas pelos alunos.

A preocupação com o respeito pelos direitos de autor foi abordada por mais de 50 por cento dos professores, que referiram ter procurado sensibilizar os alunos para essa questão. Apesar de muitos alunos terem consciência de que desrespeitam os direitos de autor, sobretudo quando retiram conteúdos da Internet, os docentes referem que continuam a agir da mesma forma.

Os alunos demonstraram maior motivação para a realização das actividades, o que atribuem ao recurso a média, numa lógica de pesquisa, análise crítica e produção. Os docentes referiram ainda que os alunos preferem claramente a realização de pesquisas em suporte digital às pesquisas em suportes impressos.

A larga maioria dos relatórios dos professores revela lacunas importantes ao nível da reflexão em torno das actividades desenvolvidas. Alguns docentes não apresentaram qualquer reflexão, enquanto outros optaram por apresentar reflexões muito superficiais. O que tinha sido solicitado pelo formador residia numa reflexão acerca dos eventuais efeitos da actividade desenvolvida, bem como as dificuldades sentidas e eventuais surpresas. Da análise das reflexões constatamos que a dificuldade mais apresentada foi a falta de tempo, enquanto as surpresas residiram na maior motivação e no empenho, mesmo de alunos habitualmente menos interessados nas actividades pedagógicas. Nenhum professor apresentou, porém, uma reflexão claramente relacionada com os objectivos da Educação para os Média, ou até uma simples reflexão sobre a actividade, realizada em conjunto com os alunos. Nesse sentido, consideramos que é necessário continuar a oferecer formação contínua nesta área, designadamente centrando essa acção na análise e reflexão sobre actividades desenvolvidas por docentes. Mas também será fundamental desenvolver formação inicial, nas universidades e politécnicos.

Embora alguns professores não referissem o número preciso de alunos que participaram nas actividades desenvolvidas, podemos afirmar que estiveram envolvidos cerca de 2000 alunos, do Pré-escolar ao Secundário. Esta acção terá, por isso, um potencial de repercussões em termos de Educação para os Média, não só durante o tempo em que decorre, mas também após ter decorrido. Por isso a reflexão dos professores se reveste de um carácter tão importante.

No final do projecto, os docentes mostraram vontade de continuar a trabalhar na área da Educação para os Média, seja, ou não, através da colaboração no jornal escolar. Do projecto resultou um grupo de discussão on-line a partir do qual está a ser criado um grupo mais formal. Os colaboradores (empresas, escolas e decisores políticos) reafirmam essa vontade. Este resultado é decisivo para o sucesso. Mas o maior sucesso que o projecto poderá ter é ser replicado pois, de acordo com a avaliação, reúne as condições para isso, seja em Portugal ou noutros países da Europa.

Tomé, V. CD-Rom “Vamos fazer jornais escolares”: um contributo para o desenvolvimento da Educação para os Média em Portugal. Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. 2008.

UNESCO (2007). Agenda de Paris ou 12 recommandations pour l'Éducation aux Médias.http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/AgendaParisFinal_fr.pdf (acedido a 17 de Dezembro de 2007).

UNESCO. (1982). Declaração de Grünwald.

http://www.UNESCO.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF (consultado na Internet a 29 de Dezembro de 2007).

Universitat Autònoma de Barcelona [UAB]. (2007a). Final report. In UAB. Current trends and approaches to media literacy in Europe. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.

http://ec.europa.eu/avpolicy/media_literacy/docs/studies/study.pdf

(Consultado na Internet a 17 de Dezembro de 2007).